

PHILIP ROTH

O TEATRO DE SABBATH

Tradução

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1995 by Philip Roth

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Sabbath's Theater

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Marcos Luiz Fernandes

Revisão
Renato Potenza Rodrigues
Larissa Lino Barbosa

Atualização ortográfica
Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip
O teatro de Sabbath / Philip Roth ; tradução Rubens Figueiredo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2017.

Título original: Sabbath's Theater.
ISBN 978-85-359-2880-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

17-01578

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2017

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Para dois amigos
Janet Hobbouse 1948-1991
Melvin Tumin 1919-1994

PRÓSPERO: A cada três pensamentos, um será dedicado ao meu túmulo.

A tempestade, ato V, cena I

1. NADA CUMPRE
O QUE PROMETEU

OU VOCÊ ABRE MÃO DE TREPAP com as outras ou o nosso caso está encerrado.

Esse foi o ultimato, o ultimato enlouquecedoramente inverossímil, totalmente imprevisto, que a mulher de cinquenta e dois anos apresentou, chorando, ao seu amante de sessenta e quatro anos, no aniversário de um relacionamento que persistira com uma surpreendente licenciosidade — e esse, de forma não menos surpreendente, era o segredo deles — durante treze anos. Mas agora, com o refluxo das infusões hormonais, com a próstata inchando e, na certa, com apenas uns poucos anos de potência mais ou menos segura para ele — e com um resto de vida que talvez não fosse muito além disso —, aqui, ao se aproximar do final de tudo, ele, sob pena de perdê-la, se via compelido a fazer das tripas coração.

Ela era Drenka Balich, a popular sócia do dono da pousada, tanto nos negócios como no casamento, estimada pela atenção com que tratava todos os seus hóspedes, por seu coração afetuosos, por sua ternura maternal não apenas com as crianças e os velhos que os visitavam, mas também com as moças contratadas para limpar os quartos e servir as refeições, e ele era o esquecido titereiro Mickey Sabbath, um homem baixo, corpulento, de barba branca, com olhos verdes que metiam medo e doloridos dedos artríticos, o qual, caso tivesse dito sim para Jim Henson, remotos trinta anos atrás, antes de o programa *Vila Sésamo* ter começado, quando Henson o levou para almoçar no Upper East Side e perguntou se não queria juntar-se à sua rodinha de quatro ou cinco pessoas, poderia ter ficado dentro do boneco Garibaldi por todos esses anos. Em vez de Carrol Spinney, teria sido Sabbath a pessoa dentro do Garibaldi, Sabbath é que teria

ganhado uma estrela na Calçada da Fama de Hollywood, Sabbath é que teria ido à China com Bob Hope — ou pelo menos era isso que a sua esposa, Roseanna, adorava recordar diante do marido, quando ainda enchia a cara de bebida por dois motivos, para ela, irrefutáveis: por tudo aquilo que não havia acontecido e por tudo aquilo que havia acontecido. Porém, como Sabbath não teria sido de modo algum mais feliz dentro do Garibaldi do que se sentia dentro de Roseanna, ele não se magoava muito com aquela aporrinhão. Em 1989, quando Sabbath se vira desmoralizado publicamente em razão do grosseiro assédio sexual a uma moça quarenta anos mais nova do que ele, Roseanna teve de ser internada durante um mês em uma instituição psiquiátrica em virtude do colapso alcoólico provocado pela humilhação do escândalo.

— Será que um parceiro monógamo não é o bastante para você? — Sabbath perguntou a Drenka. — Você gosta tanto da monogamia com seu marido que quer ter isso também comigo? Será que você não enxerga nenhuma ligação entre a invejável fidelidade do seu marido e o fato de que ele rejeita você fisicamente? — Sabbath prosseguiu, falando com pompa: — Nós, que jamais deixamos de nos excitar um ao outro, nunca nos impusemos promessas, nada de juras, nada de restrições, ao passo que, com ele, trepar é uma coisa nojenta, ainda que só durante os dois minutos por mês em que ele dobra você em cima da mesa de jantar e resolve tudo por trás. E por que é assim? Matija é grande, vigoroso, viril, a cabeça cheia de cabelos pretos feito um porco-espinho. Os cabelos dele são *espinhos*. Todas as senhoras idosas da cidade estão apaixonadas por ele, e não apenas por causa do seu charme eslavo. Os olhares dele deixam as mulheres doidas. As suas garçonzinhas ficam malucas com a fenda que ele tem no meio do queixo. Eu vi o seu marido na cozinha, em agosto, quando o calor é enorme e os fregueses ficam esperando por mesas no terraço. Eu o vi muito atarefado preparando o jantar, colocando aqueles espetinhos na grelha, com a camiseta toda ensopada. Ele todo brilhava de gordura, até a *mim* o seu marido excita. Só a esposa é que ele

rejeita. Por quê? A natureza ostensivamente monogâmica, essa é a razão.

Drenka se aconchegou chorosa ao seu lado, enquanto subiam a encosta íngreme e arborizada rumo ao ponto onde corria borbulhante o riacho em que tomavam banho, água clara que ondulava sobre uma escada de pedras de granito, formando débeis espirais entre as bétulas verde-prateadas que pendiam junto às margens, curvadas pela força das tempestades. Durante os primeiros meses do seu relacionamento, em uma expedição solitária em busca de um ninho de amor, ela havia descoberto, em meio a um arvoredo de velhos abetos, não distante do riacho, três pedras grandes, cada uma do tamanho de um pequeno elefante, em torno da clareira triangular que eles passariam a utilizar, em vez de uma casa. Por causa da lama, da neve ou dos caçadores bêbados que disparavam para dentro do mato, o cume do morro não era acessível em todas as estações, mas entre maio e o início de outubro, salvo quando chovia, era para lá que os dois se retiravam a fim de renovar suas vidas. Certa vez, anos atrás, um helicóptero surgira do nada e, por alguns instantes, ficara pairando a trinta metros de altura enquanto eles dois se achavam nus na barraca de lona, lá embaixo, mas a não ser isso, embora o Grotto, nome pelo qual passaram a chamar o seu esconderijo, se achasse a quinze minutos a pé da única estrada asfaltada ligando Madamaska Falls ao vale, nenhuma presença humana jamais ameaçara o seu acampamento.

Drenka era uma mulher croata, de pele escura e aspecto italianado, oriunda do litoral da Dalmácia, baixa como Sabbath, de corpo cheio e firme, naquele limite provocante da mulher que está à beira de ultrapassar o seu peso, a forma do seu corpo, no que tinha de mais abundante, lembrando aquelas estatuetas de argila modeladas por volta de 2000 a.C., bonequinhas gorduchas com peitões e quadris grandes, encontradas sob a terra por toda parte, desde a Europa até a Ásia Menor, e cultuadas sob uma dúzia de nomes diferentes como a grande mãe dos deuses. Ela era bonita de um modo um tanto burocrático, profissional, exceto pelo nariz, um nariz sem ponte, de lutador de boxe, que

criava uma espécie de borrão no centro do seu rosto, um nariz levemente fora de prumo em relação à boca farta e aos grandes olhos escuros, e o sinal revelador, conforme Sabbath viria a descobrir, de tudo o que havia de maleável e indeterminado na sua natureza aparentemente bem distribuída. Drenka tinha o ar de uma mulher que tivesse sido espancada, magoada na mais remota infância por alguma desgraça avassaladora, quando na verdade era filha de pais gentis, ambos professores secundários, religiosamente dedicados às banalidades tirânicas do partido comunista de Tito. Filha única, ela fora amada com abundância por essas pessoas bondosas e melancólicas.

A desgraça na família fora desencadeada por Drenka. Com vinte e dois anos, auxiliar de contabilidade na ferrovia nacional, ela se casou com Matija Balić, um garçom jovem e bonito, dotado de ambição, que ela conhecera quando fora passar férias no hotel do sindicato dos trabalhadores da ferrovia, na ilha de Brač, ao largo do porto de Split. Os dois partiram para Trieste a fim de passar a lua de mel e nunca voltaram para casa. Fugiram não apenas para se tornarem ricos no Ocidente mas também porque o avô de Matija fora preso em 1948, quando Tito rompeu com a União Soviética, e o avô, um burocrata do partido local, comunista desde 1923 e um idealista no tocante à grande Mãe Rússia, tivera a audácia de discutir o assunto publicamente.

— Meus pais — Drenka havia explicado para Sabbath — eram comunistas convictos e amavam o Camarada Tito, que ficava lá plantado com o seu sorriso, como um monstro sorridente, e então, muito cedo, imaginei como poderia amar Tito mais do que qualquer criança na Iugoslávia. Éramos todos Pioneiros, meninos e meninas que iam passear, cantando, com um cachecol vermelho no pescoço. Cantávamos músicas sobre Tito e sobre como ele era a flor, a violeta, e sobre como todos os jovens o adoravam. Mas com Matija era diferente. Era um garotinho que amava o seu avô. E alguém apontou o avô dele — é essa a palavra? Delatou. Ele foi delatado. Como um inimigo do regime. E os inimigos do regime eram todos enviados para aquela prisão horrenda. Fazia um tempo horrível quando eles foram

atirados em navios, feito gado. Levados de barco do continente para a ilha. Quem sobrevivesse, muito bem; quem não conseguia, azar. Era um lugar onde só havia pedras. Tudo que tinham para fazer era trabalhar naquelas pedras, quebrar as pedras, sem motivo algum. Muitas famílias tinham parentes que foram para Goli Otok, que quer dizer Ilha Nua. As pessoas delatavam as outras por qualquer motivo — para obter uma promoção, por ódio, por fosse lá o que fosse. Havia sempre uma grande ameaça pairando no ar, para que todo mundo agisse direito, e agir direito era ser a favor do regime. Nessa ilha, as pessoas não eram alimentadas, nem sequer lhes davam água. Uma ilha bem perto da costa, um pouco ao norte de Split — da costa, dava para ver a ilha, a distância. O avô dele pegou hepatite, lá, e morreu pouco depois de Matija se formar no curso secundário. Morreu de cirrose. Havia sofrido por todos aqueles anos. Os prisioneiros enviavam cartões para suas casas e, nos cartões, tinham que declarar que estavam regenerados. A mãe de Matija disse para ele que o pai dela não era bom e não ouvia o Camarada Tito e que por isso fora para a prisão. Matija tinha nove anos. A mãe sabia o que estava dizendo quando lhe falou aquilo. Desse modo, Matija não seria estimulado a dizer alguma coisa diferente, na escola. Seu avô disse que ele seria bom e amaria o *Drug** Tito, desse modo ficaria na cadeia apenas por dez meses. Mas lá pegou hepatite. Quando voltou, a mãe de Matija fez uma grande festa. Ele voltou, tinha quarenta quilos. Umas noventa libras, mais ou menos. Assim como Maté, ele era um homem grande. Totalmente destruído, fisicamente. Um cara o delatou e foi só. Por isso Matija queria fugir depois de casar.

— E por que *você* queria fugir?

— Eu? Não ligo para política. Eu era que nem os meus pais. Durante a antiga Iugoslávia, o rei e tudo isso, antes do comunismo, eles amavam o rei. Então veio o comunismo e eles amaram o comunismo. Eu não ligava, por isso disse sim, está certo, para

* *Amigo*, em russo. (N. T.)

o monstro sorridente. O que eu amava era a aventura. A América parecia tão grande, tão cheia de encanto e tão gigantescamente diferente. América! Hollywood! Dinheiro! Por que fugi? Eu era uma menina. Iria para onde houvesse mais diversão.

Drenka envergonhou os pais ao fugir para este país imperialista, partiu o coração deles, e eles também morreram, ambos de câncer, não muito depois da sua deserção. Porém, ela amava tanto o dinheiro e amava tanto a “diversão” que provavelmente fora graças às atenções afetuosas daquele casal de comunistas convictos que o seu corpo jovem e farto, com um rosto tentador de assassina, não fizera consigo mesmo algo ainda mais caprichoso do que se tornar escravo do capitalismo.

O único homem de quem ela admitiria ter cobrado algo para passar a noite era o titereiro Sabbath e, ao longo de treze anos, isso ocorrera apenas uma vez, quando ele apresentara a proposta de Christa, a refugiada alemã que trabalhava na loja de comidas finas em troca de refeições e um quarto para dormir, a qual Sabbath havia observado e pacientemente recrutado para o seu deleite conjunto.

— Em dinheiro vivo — Drenka pediu a Sabbath, embora durante vários meses, desde quando Sabbath havia topado pela primeira vez com Christa, ao lhe dar carona para a cidade, Drenka tenha esperado ansiosamente a aventura, com não menos excitação do que Sabbath, e não foi preciso insistir para que cooperasse. — Cédulas novinhas — disse ela, estreitando os olhos com ar gozador, mas falando sério. — Estalando de novas.

Adaptando-se sem hesitação ao papel que Drenka rapidamente inventara para ele, Sabbath perguntou:

— Quantas?

E ela respondeu, com rispidez:

— Dez.

— Não posso pagar dez.

— Então, esqueça. Cai fora.

— Você é uma mulher muito difícil.

— Pois é, sou difícil — ela retrucou, com prazer. — Tenho noção do meu valor.

— Deu trabalho conseguir esse negócio, sabia? Não foi moleza chegar a esse ponto. Christa pode ser uma criança insustentável, mas ainda requer um bocadinho de atenção. Eu é que devia ser pago por você.

— Não quero ser tratada como uma piranha de mentira. Quero ser tratada como uma piranha de verdade. Mil dólares, senão fico em casa.

— Você está pedindo o impossível.

— Então pode esquecer tudo.

— Quinhentos.

— Setecentos e cinquenta.

— Quinhentos. É o máximo que posso dar.

— Então quero que me pague antes de eu ir para lá. Quero entrar lá com o dinheiro na minha bolsa, sabendo que tenho um trabalho para fazer. Quero me sentir como uma piranha de verdade.

— Eu duvido — comentou Sabbath — que só o dinheiro baste para você se sentir uma piranha de verdade.

— Para mim vai ser o bastante, sim.

— Sorte sua.

— Sorte *sua* — retrucou Drenka, com ar de desafio. — Tudo bem, quinhentos. Mas antecipado. Quero receber a grana uma noite antes.

Os termos do acordo foram negociados enquanto os dois se bolonavam sob a barraca de lona, no Grotto.

Na verdade, Sabbath não tinha o menor interesse em dinheiro. Mas desde que a artrite pusera fim à sua carreira de titereiro nos festivais internacionais e a sua Oficina de Fantoches já não era bem-vinda no programa de bacharelado das faculdades em virtude de ele ter sido desmascarado como um degenerado, Sabbath dependia da sua esposa para viver e, por isso, não era sem sofrer que ele ia tirar cinco das duzentas e vinte notas de cem dólares que Roseanna ganhava por ano na escola secundária regional, e depois entregá-las para uma mulher cuja renda familiar chegava a cento e cinquenta mil dólares por ano.

Ele podia, é claro, ter mandado Drenka parar com aquela besteira, sobretudo porque, com ou sem o dinheiro, ela teria tomado parte do encontro a três com o mesmo ardor, mas concordar por uma noite em se fazer passar pelo cliente de uma prostituta parecia ser o equivalente, para Sabbath, do que seria, para Drenka, fingir ser a prostituta. Além do mais, Sabbath não tinha o direito de recusar — o desprendimento licencioso de Drenka devia a ele o seu pleno desabrochar. A eficiência sistemática de Drenka como gerente da pousada — o prazer de depositar no banco, ano após ano, toda aquela grana — poderia há muito tempo ter mumificado sua vida sexual, caso Sabbath, com base na linha achatada do seu nariz e na forma roliça dos seus membros — e em nada mais do que isso, como ponto de partida —, não tivesse suspeitado que o perfeccionismo de Drenka Balich no trabalho não constituía a sua única inclinação imoderada. Fora Sabbath que, passo a passo, como o mais paciente instrutor do mundo, a auxiliara no processo de se distanciar da sua vida disciplinada e descobrir a indecência a fim de suplementar as deficiências de sua dieta regular.

Indecência? Quem sabe? Faça como quiser, disse Sabbath, e ela fez e gostou e gostou de contar a ele o quanto havia gostado, não menos do que ele gostou de ter ouvido Drenka contar. Homens casados, depois de passar o fim de semana na pousada com suas esposas e filhos, telefonavam em segredo para Drenka, dos seus escritórios, para dizer que precisavam muito vê-la. O escavador, o carpinteiro, o eletricista, o pintor, todos os trabalhadores que prestavam serviços à pousada invariavelmente davam um jeito de vir almoçar perto do escritório onde Drenka cuidava dos livros de contabilidade. Uma vez que Sabbath havia sancionado para ela a força que queria sempre mais e mais — uma força cujas solicitações ela jamais repudiara totalmente, mesmo antes de Sabbath ter aparecido —, os homens começaram a compreender que aquela mulher baixa, de meia-idade, com um aspecto menos do que sensacional, tolhida por toda aquela sua cortesia sorridente, era na verdade dotada de uma carnalidade bem parecida com a que eles mesmos possuíam.

Dentro dessa mulher havia alguém que pensava como um homem. E o homem igual a quem ela pensava era Sabbath. Como Drenka dizia, ela era o melhor parceiro de Sabbath.

Como ele poderia, em sã consciência, negar os quinhentos dólares? Dizer “não” não fazia parte do acordo entre eles. Para ser aquilo que ela aprendera a querer ser (ser aquilo que ele precisava que Drenka fosse), o que ela precisava de Sabbath era um “sim”. Não importa se ela fosse usar o dinheiro para comprar ferramentas elétricas para a oficina que o seu filho tinha no porão. Matthew era casado e membro da polícia estadual, aquartelado no vale; Drenka o adorava e, depois que o filho se tornara tira, vivia preocupada com ele o tempo todo. Matthew não era grande e bonito, com cabelos pretos de porco-espinho e uma grande fenda no queixo como o pai, cujo nome anglicizado recebera, mas descendia de forma muito mais patente de Drenka, com estatura baixa — com apenas um metro e setenta e dois, sessenta quilos, era o menor na sua turma da academia de polícia, além de ser o mais jovem —, e tinha no centro do rosto uma espécie de borrão, o nariz sem nariz, uma réplica do nariz de Drenka. Matthew fora preparado para um dia se tornar proprietário da pousada e deixara seu pai desolado ao abandonar a escola de administração hoteleira depois de apenas um ano para se tornar um policial musculoso, de cabelo cortado à escovinha, com o chapéu de aba larga, o distintivo e muito poder, o tira pirralho para quem o melhor emprego do mundo estava logo na primeira tarefa que arranjou, vigiar o tráfego com o radar do pelotão de trânsito, dirigindo o carro-patrolha para cima e para baixo pela autoestrada. Você encontra tanta gente, cada carro que você para é diferente, uma pessoa diferente, circunstâncias diferentes, uma velocidade diferente... Drenka repetia para Sabbath tudo que Matthew Junior lhe contava sobre a vida de policial, desde o dia em que entrara na academia, sete anos antes, e lá os instrutores começaram a berrar com eles e Matthew jurou para sua mãe: “Não vou deixar que isso me abale”. Até o dia em que ele se formou e, pequeno como era, foi contemplado com uma condecoração por seu desempenho no

quesito forma física e os superiores disseram, a ele e a seus colegas que haviam sobrevivido ao curso de vinte e quatro semanas: “Vocês não são Deus, mas são o que existe de mais próximo dele”. Drenka descreveu para Sabbath as virtudes da pistola de Matthew, de nove milímetros e quinze tiros, e como agora ele a levava em sua bota ou na parte de trás do seu cinturão quando não estava de serviço e como isso a deixava apavorada. Drenka vivia com medo de que seu filho fosse morto, sobretudo quando foi transferido do pelotão de trânsito para o quartel e tinha de cumprir o turno da meia-noite, a intervalos de umas poucas semanas. Matthew mesmo passou a adorar fazer patrulha no seu carro, quase tanto quanto gostara de operar o radar.

— Assim que você sai para fazer a ronda, vira o seu próprio chefe. Quando a gente entra naquele carro, pode fazer o que bem entender. Liberdade, mãe. Liberdade à beça. A menos que aconteça alguma coisa, tudo o que você tem a fazer é ficar rodando. Sozinho no carro, dirigindo, seguindo pelas estradas até que eles chamem você por algum motivo.

Ele se firmara naquilo que a polícia estadual denominava a Patrulha do Norte. Conhecía a área, todas as estradas, os bosques, conhecia o comércio nas cidades e sentia uma enorme satisfação masculina em dirigir de noite, verificando as lojas, verificando os bancos, verificando os bares, observando as pessoas que saíam dos bares a fim de ver se não estavam muito bêbadas. Matthew dizia a sua mãe que tinha uma poltrona na primeira fila para assistir ao maior espetáculo da Terra — acidentes, assaltos, brigas domésticas, suicídios. A maioria das pessoas nunca vê a vítima de um suicídio, mas uma garota que fora colega de escola de Matthew havia estourado os miolos no bosque, sentou-se ao pé de um carvalho e meteu uma bala na cabeça, e Matthew, no seu primeiro ano após terminar a academia, era o guarda que estava no local da ocorrência, foi ele que chamou o médico-legista e esperou sua chegada. Matthew contou a sua mãe que, naquele primeiro ano, ele estava tão cheio de si, se sentia tão invencível, que acreditava poder segurar as balas com os dentes. Matthew intervém em uma briga doméstica na qual ambas as

peessoas estão bêbadas, berrando uma com a outra, cheias de ódio uma pela outra, trocando murros, e ele, o seu filho, conversa com elas, as acalma de tal forma que, quando vai embora, tudo está bem e ninguém precisa ser algemado e preso por violação da ordem pública. E às vezes as pessoas são tão más que ele tem de prendê-las, algema a mulher e algema o homem e espera que chegue um outro policial e, juntos, os dois conduzem o casal antes que se matem um ao outro. Quando um menino apontou uma arma em uma pizzeria na 63, mostrando a arma para todo mundo antes de sair, foi Matthew que achou o carro que o garoto estava dirigindo e, sem ajuda de ninguém, ciente de que o garoto tinha uma arma, lhe disse pelo megafone para sair do carro com as mãos para cima e segurava a sua própria arma apontada para o garoto... e essas histórias, deixando patente para sua mãe que Matthew era um bom policial que queria fazer um bom trabalho, fazer as coisas conforme lhe haviam ensinado, essas histórias ao mesmo tempo a assustavam tanto que ela comprou um rastreador, uma caixinha com uma antena e um cristal para monitorar os sinais do rádio da polícia na frequência de Matthew, e às vezes, quando ele estava escalado no turno da meia-noite e Drenka não conseguia dormir, ela ligava o rastreador toda vez que Matthew era chamado, e assim sabia mais ou menos onde ele se achava e para onde estava indo e se ainda estava vivo. Quando ouvia o seu número ser chamado — 415B — ela estava acordada. Mas o pai de Matthew também estava — e enfurecido por ser lembrado uma vez mais de que o filho a quem ele havia treinado todos os verões para trabalhar na cozinha, o herdeiro do negócio que ele havia construído a partir do nada, como um imigrante sem um tostão no bolso, era agora um especialista em caratê e judô, que às três da madrugada ficava rodando feito um palerma em uma caminhonete velha que atravessava Battle Mountain com uma lentidão desconfiada. O rancor entre pai e filho cresceria tanto que apenas com Sabbath a mãe conseguia dividir seus temores acerca da segurança de Matthew e dar vazão ao seu orgulho pela quantidade de movimento que seu filho era capaz de realizar em um carro no prazo de uma semana: “Lá na rua é que

é bom”, Matthew lhe dizia. “Tem sempre alguma coisa, excesso de velocidade, avanço de sinal, carros mal estacionados, todo tipo de infração...” Para Sabbath, portanto, não foi surpresa alguma quando Drenka admitiu que com os quinhentos dólares ela comprara, para o aniversário de Matthew, uma serra portátil de mesa Makita e um belo jogo de lâminas especiais para abrir caneluras.

No final das contas, as coisas não podiam ter funcionado melhor, para todo mundo. Drenka havia encontrado a maneira de ser a melhor amiga do marido. O ex-mestre dos fantoches do Teatro Indecente de Manhattan tornou mais do que meramente toleráveis, para Drenka, as rotinas do casamento, que antes quase a matavam — agora Drenka tinha grande apreço por essas rotinas, pois serviam de contrapeso para os seus desregramentos. Em vez de ferver de raiva com o seu marido sem imaginação, ela na verdade nunca apreciara tanto a apatia de Matija.

Quinhentos foi *barato* em vista de tudo o que todos estavam ganhando em termos de consolo e satisfação, e assim, por mais que Sabbath se sentisse perturbado ao entregar aquelas notas novinhas, estalando, ele exibia diante de Drenka o mesmo sangue-frio que ela simulava, apreciando ligeiramente aquele clichê de cinema, enquanto ela dobrava as notas ao meio e enfiava no seu sutiã, entre os seios, cuja macia fartura jamais deixara de cativar Sabbath. Era de imaginar que fosse de outro modo, com a musculatura perdendo sua firmeza por todo o corpo, mas mesmo onde a pele de Drenka se tornara ressecada, na base do seu pescoço, mesmo aquele diamante, do tamanho da palma da mão, desenhado pela carne minuciosamente hachurada intensificava não apenas o seu contínuo fascínio como também o sentimento de ternura que Sabbath experimentava em relação a ela. Sabbath estava agora a seis breves anos dos setenta: o que o fazia agarrar as nádegas, que se alargavam, como se o Tempo tatuador não tivesse ornamentado suas duas faces com festões cômicos, era o fato de ele saber, de forma inevitável, que o jogo estava prestes a chegar ao fim.

Ultimamente, quando Sabbath chupava os seios úberes de Drenka — úbere, a raiz da palavra *exuberante*, que é formada de

ex e uberare, ser fecundo, transbordar, como a deusa Juno estirada no quadro de Tintoretto, no qual a Via Láctea jorra dos seus peitos —, quando chupava com um frenesi insaciável que fazia Drenka virar a cabeça em êxtase para trás e gemer (como a própria Juno pode um dia ter gemido), “Dá para sentir lá embaixo na minha boceta”, ele estava possuído pelo mais ardente desejo da sua falecida mãezinha. A primazia dela era quase tão absoluta quanto fora na primeira e incomparável década que passaram juntos. Sabbath sentia algo próximo da veneração por aquela ideia natural de destino que a mãe possuía, e também — em uma mulher com tanta vitalidade física quanto um cavalo — pela alma embutida em toda aquela energia vibrante, uma alma de presença tão inquestionável quanto os bolos cheirosos no forno, quando Sabbath chegava da escola. As emoções se misturavam nele, emoções que Sabbath não experimentava desde os oito ou nove anos de idade, quando a mãe descobrira o maior prazer do mundo em cuidar de seus dois filhos. Sim, esse fora o auge da vida dela, criar Morty e Mickey. Como a memória da sua mãe, como o seu *significado* se expandia em Sabbath quando ele lembrava a alegria com a qual, a cada primavera, ela preparava tudo para a Páscoa, todo o trabalho de pegar os pratos que ficavam um ano inteiro fechados, dois jogos de pratos, e depois trazer suas caixas de papelão que ficavam na garagem, os pratos de vidro da Páscoa, todo o trabalho de lavar os pratos, empilhar — tudo em menos de um dia, entre a hora em que ele e Morty saíam para a escola de manhã cedo e a hora em que voltavam à tarde, ela havia esvaziado a despensa de todo *chumitz** e limpado e esfregado a cozinha de acordo com todas as prescrições do dia santo. Do jeito que ela se entregava a suas tarefas, era difícil dizer se era ela que atendia às necessidades ou as necessidades que atendiam a ela. Uma mulher franzina, com nariz grande, cabelo escuro e ondulado, ela saltava e voava feito

* Alimentos proibidos para os judeus no período da Páscoa, sobretudo pão ou bolo feitos com fermento. (N. T.)

um pássaro em um arbusto de morangos, trinando e chilreando uma série de notas de uma limpidez tão cristalina como o canto de um cardeal, melodia que ela vibrava com a mesma naturalidade com que tirava a poeira, passava roupa, remendava, lustrava e costurava. Dobrar, endireitar, arrumar, empilhar, embrulhar, separar, abrir, ordenar, embalar — seus dedos ágeis nunca paravam, assim como o seu perpétuo assovio, por todo o tempo da infância de Sabbath. Era assim que ela vivia contente, imersa em tudo o que tinha de ser feito para manter as contas do seu marido em ordem, para viver em paz ao lado da sua sogra idosa, para cuidar das necessidades diárias dos dois meninos, e por menos dinheiro que rendesse o comércio de produtos granjeiros, e mesmo durante os piores momentos da Depressão, ela dava um jeito de inventar um orçamento que não prejudicasse o desenvolvimento feliz dos meninos e cuidou para que, por exemplo, tudo o que Morty legou para Mickey, o que abrangia quase tudo que Mickey vestia, estivesse impecavelmente remendado, com ar de coisa nova, sem uma única mancha de sujeira. Com orgulho, seu marido declarava aos seus fregueses que a esposa tinha olhos atrás da cabeça e dois pares de mãos.

Então Morty foi para a guerra e tudo mudou. Sempre haviam feito tudo como uma família. Nunca se haviam separado. Nunca foram tão pobres que tivessem de alugar a casa no verão e, como acontecia com a metade dos vizinhos que moravam tão perto da praia quanto eles, se mudar para um apartamentozinho nojento em cima da garagem, mas ainda eram uma família pobre, pelos padrões americanos, e nenhum deles jamais tinha viajado para lugar algum. Mas então Morty partiu e, pela primeira vez na sua vida, Mickey dormiu sozinho no quarto. Certa vez eles foram visitar Morty, que estava em treinamento em Oswego, Nova York. Durante seis meses, Morty ficou treinando em Atlantic City e eles iam vê-lo aos domingos. Quando Morty entrou na escola de pilotos na Carolina do Norte, eles fizeram a longa viagem até o Sul, muito embora seu pai tenha precisado deixar o caminhão com o vizinho, a quem pagou para cuidar das entregas durante os dias em que a família esteve fora. Morty tinha a pele